

EDITORIAL

TESSITURAS: PSICANÁLISE E LITERATURA, MAIS AINDA....

Denise Maurano¹
Joana Souza²
Lucia Maria de Freitas Perez³
Renata Mattos Avril⁴

Finalizando esse turbulento ano de 2021, esta edição traz como marca a articulação entre psicanálise e literatura. Como já sublinhamos em outros momentos, por vezes os temas conspiram, mesmo nas seções livres. A maioria dos artigos tecem uma trama entre obras literárias diversas, e conceitos psicanalíticos. O que faz com que tantos autores, ao mesmo tempo, procure na literatura um modo de dizer sobre aquilo que os atravessa? Não temos a resposta, mas é sabido que não é de hoje que esses campos se entrelaçam. Aliás, o criador da psicanálise já dizia que os escritores e os poetas são os verdadeiros descobridores da psicanálise, dado que, em suas obras, anteciparam as descobertas freudianas. Somos testemunhas do gradual distanciamento da psicanálise dos ideais da medicina, e seu avanço na direção da literatura e das artes. Freud era um homem de “letras”. Por mais que seu ponto de partida tenha sido a medicina, trazia consigo o desejo de ser escritor. A escrita, seja ela literária ou não, tem o poder de nos transportar para outra realidade, trazendo à tona o que há de singular no sujeito.

Corpo. Ressonância. Cultura. Ato. Invocação... Fios que se entrelaçam e atravessam a seção temática desta edição. Desta vez, contamos com dois escritos que nos fazem refletir, por caminhos distintos e de forma indireta, embora bastante

¹ Editora chefe do Periódico Psicanálise e Barroco em revista. Professora Titular aposentada do Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3498-3773>

² Gerente de edição do Periódico Psicanálise e Barroco em revista. Doutora em Memória Social pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4294-2883>

³ Psicanalista. Professora Adjunta 4 do Departamento Fundamentos da Educação – UNIRIO. Editora Responsável pelo periódico Psicanálise e Barroco em revista. Membro do Corpo Freudiano Escola de Psicanálise.

⁴ Editora da seção temática “A psicanálise, a voz, a memória e as musicalidades” com Pós-doutorado pela Universidade de Nice Sophia-Antipolis, Doutora em Pesquisa e Clínica em Psicanálise pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-8961-9840>

pertinente, o tempo em que vivemos. O primeiro, se colocando à escuta da Cultura através das canções de resistência, se pergunta sobre a criação artística na construção e transmissão da memória social.

Frente a atual tragédia política, sanitária, humana, social e ecológica no Brasil, a psicanálise se posiciona *com voz* refletindo sobre o que, *na e pela* Cultura, resiste ao terror e abre caminhos vivificantes, tecendo coletivamente traços que podem contar e cantar o vivido, testemunhando o presente e lutando para transformá-lo. É esta a visada de Renata Mattos Avril ao abordar a criação musical a partir da canção de resistência.

Lalíngua, gesto e canções de resistência: tatuagens musicais no corpo da Cultura, a autora se interessa pelo que ela chama de efeito lalinguageiro das canções de resistência, se perguntando, de saída, como *lalíngua*, conceito criado por Lacan para falar do modo como a linguagem é apropriada de modo singular por cada sujeito, participa na criação musical a partir do gesto e da assinatura sonoro-musical do autor. Porém, o aspecto da fala tornada canto para transmitir algo do real, fazendo laço e incidindo na Cultura, se coloca em primeiro plano nas reflexões apresentadas.

História e memória se imprimem, deste modo, como tatuagens musicais na Cultura a partir de determinadas canções que não deixam silenciar o sopro desejante e vivificante do Outro que constitui a rede social e que, além disso, trazem um recorte particular do seu tempo. Como um testemunho, algo que não nos deixa esquecer. A proposta da autora é a de que o gesto de criação do cancionista, sobretudo em momentos em que a pluralidade e singularidade das vozes está ameaçada, pode recolocar a invocação da voz do Outro em cena, ressoando no corpo do ouvinte. Grito transformado em canto. Canto-memória. Canto-luta. Canto que, coletivamente, pode transformar utopicamente o futuro.

O segundo, fundamentalmente clínico, lança uma nova luz sobre a questão do corpo e da presença do analista a partir do que ressoa do real. Efeito da atual crise pandêmica, que nos marca e nos faz reinventar laços e práticas, a psicanálise se vê lançada na experiência das sessões realizadas predominantemente por via remota. A materialidade da voz, poderíamos supor, tenderia a estar mais presente, mais consistente nesse espaço. Porém, sustentar o ato analítico em tais circunstâncias supõe, justamente, fazer incidir a função da voz, objeto da pulsão invocante, imaterial e

perdido, furando a cena da tela para que a Outra cena possa comparecer e ser trabalhada.

A *práxis* clínica, escutando, dialogando e co-criando o nosso tempo, nos faz refletir teoricamente sobre o que está, portanto, em jogo nos atendimentos *online*. E o caminho percorrido por Rafaela Brandão Alves, Jean-Michel Vives e Daniela Scheinkman Chatelard vai além de um questionamento sobre esta nova modalidade de *setting* para se perguntar o que é o cerne da presença do analista e do ato analítico.

Em **O ato analítico e a presença (negativizada) do analista**, os autores partem de um questionamento sobre a musicalidade da linguagem – ritmo, modulações e tom da voz, pontuação da fala, respiração – para se perguntar sobre o como o corpo do analista comparece numa análise e com qual função. A presença do analista seria equivalente à presença do corpo do analista? A resposta sendo clara, evidente, e negativa, o que então sustenta essa presença? A cena transferencial, o endereçamento da dimensão do sujeito suposto saber? E qual o lugar do corpo nesta presença?

Para avançar nessas reflexões, os autores entendem o corpo como caixa de ressonância – caixa esburacada, furada, que permite ressoar o inconsciente real – e trazem a noção de *em-corpo* do analista. Noção esta que localiza o corpo a partir da transferência, corpo negativizado. Ou, ainda, o corpo do analista e o corpo do analisante *em transferência*. O que se coloca em jogo é o efeito do real que aí opera, a ressonância do significante no corpo, que pode reatualizar o encontro mítico da linguagem com o corpo em nossa estruturação como “*fallasseres*”. E deste lugar de ressonância, o ato analítico pode se realizar.

Nossa sessão de artigos livres, contempla uma diversidade de temas extremamente importantes que articulam a psicanálise com a literatura, a clínica e a cultura. Abrimos a seção com o artigo **O resto como causa do desejo na obra “A terceira margem do rio”**, onde os autores Alcivan Nunes Vieira, Karla Patrícia Holanda Martins e Lia Carneiro Silveira articulam o conto de Guimarães Rosa com as noções psicanalíticas de resto e desejo. Os autores se esmeram na exploração do conto, extraindo significações que ilustram o desejo como sendo a causa do sujeito do inconsciente. Em seguida, os autores Pedro Valentin Eccher, Yohanna Cunha Zibell, Maurício Marquardt Pereira, Adriana Aparecida Amaral, Thais Kerolin Mafra e Gustavo Angeli, destacam a importância do diálogo entre o Direito e a Psicanálise, num vigoroso

relato da experiência de estágio em um Centro de Atenção Psicossocial (CAPS), em uma clínica-escola de serviço de psicologia e em uma emergência hospitalar. O artigo sublinha a importância da função analítica extramuros, ou seja, para além dos consultórios particulares e sua importância tanto para a formação do analista, quanto da transmissão da psicanálise.

Na sequência, Marcos Moura Oliveira, retomam um caso clínico “O pequeno homem galo”, publicado por Ferenczi em 1913, no artigo **Brincadeiras em um caso de análise infantil – o Pequeno homem galo sob o olhar de Ferenczi e Dolto**, destacando sua importância para a clínica psicanalítica com crianças. O autor sublinha a contribuição original tanto de Ferenczi quanto da psicanalista Françoise Dolto, para a análise de Arpad, um menino atendido por Ferenczi que trazia como questão uma identificação com os galináceos. Os autores destacam a possibilidade de se tratar de uma caso de perversão, dado a negação, por parte do menino, da realidade da castração. O próximo, no artigo **Neurose obsessiva e figura paterna: possíveis articulações a partir da obra “A metamorfose” de Franz Kafka**, no qual encontramos uma interessante exposição sobre o um caso de neurose obsessiva e suas relações com a figura paterna, ilustrada pela obra A metamorfose de Franz Kafka. Os autores, Guilherme Silva e Gustavo Angeli, a partir de uma passagem pelos textos freudianos, procuram ampliar a compreensão acerca da obsessão e o sofrimento psíquico que dela pode decorrer.

Antonio Trevisan, em **A retomada da pulsão d'emprise**, retoma o conceito de pulsão construído por Freud, assim como as contribuições de Piera Aulagnier, com o objetivo de delimitar o estatuto da função de dominação (d'emprise) e sua participação na constituição do psiquismo. O autor sublinha o caráter não sexual e independente da pulsão de dominação, relacionando a pulsão de morte ao mesmo tempo em que destaca sua anterioridade em relação a pulsão de vida. A relação entre a histeria e o discurso capitalista, foi contemplado pelas autoras Claudia Ferreira Melo Rodrigues, Lorena dos Reis Gonçalves e Rogéria Araújo Guimarães Gontijo, no trabalho intitulado **A cena contemporânea: a histeria e suas novas roupagens**. Para elas, a insatisfação que caracteriza a histeria, favoreceria um modo de posicionamento frente às exigências da cultura, que suscita novos sintomas. Defendem que para se pensar a histeria na atualidade, faz-se necessário considerar os novos discursos e as

modificações que eles produzem na subjetividade dos sujeitos históricos. Em **Freud e Viereck: modalidades de gozo e rumos da psicanálise**, Janaina Bianchi Mattos, retoma a entrevista concedida por Freud a George Sylvester Viereck, no auge dos seus 70 anos, na qual reafirma o valor singular e apreciação que dá a vida. A autora destaca, o modo como a relação transferencial que se estabeleceu entre o entrevistador e o entrevistado, possibilitou que Freud ocupasse a posição de analista frente as arguições de Viereck, uma posição que segundo ela, remete ao feminino, e que ao mesmo tempo insiste na direção da vida.

Em seguida, apresentamos o texto de Camila Guimarães de Paula Pessoa e Leonardo José Barreira Danziato, **O destino do sujeito trágico e o ato na tragédia e na psicanálise**, onde a literatura trágica grega é retomada de modo a possibilitar uma aproximação entre o herói trágico que caminha em direção à perda, à derrocada e o sujeito da psicanálise que, no percurso psicanalítico, é levado à assumir a posição de resto. A inconsistência do Outro, a relação do sujeito com o desejo, assim como com a ética da psicanálise e seu ato, são apontados pelos autores como sendo pontos fundamentais no processo de destituição narcísica experienciado pelo sujeito no decorrer da análise. A interlocução entre psicanálise e literatura também valorizada no artigo **Identificação e ódio em “Dois irmãos” de Milton Hatoum**, de autoria de Felipe Barata Amaral, onde a questão da relação de identificação entre irmãos é tratada a partir de um recorde extraído do romance “Dois irmãos” de Milton Hatoum. O autor faz um instigante trajeto nos textos de Freud e Lacan, com o objetivo de compor um panorama sobre o modo como estes autores pensam a questão da fraternidade entre irmãos, ao mesmo tempo em que estabelece uma aproximação da psicanálise com o obra do escritor amazonense.

Por fim, Angela Teresa Nogueira de Vasconcelos e Eliane Vasconcelos Diógenes, abordam em **A Autoficção como escrita de si: aproximações entre literatura e psicanálise**, a escrita de si como fenômeno literário próprio da modernidade. Para elas, nesse processo, há o esvanecimento das fronteiras entre ficção e realidade que produzem narrativas que dão voz ao eu e o afirmam. A obra de Julian Fuks sustenta a ideia de que a produção literária e a narrativa ficcional é o que possibilita o contorno e a sustentação da singularidade de cada sujeito, tal como defende a psicanálise.

Fechamos essa edição com a resenha **A histeria revisitada: historicidade, diagnóstico e clínica**, escrita por Carla Cristina Braga Valota Esteves, Tiago Ravello e Adriana Rita Sordi, uma ressonância da leitura vigorosa do livro “Histeria e Sexualidade” de Marco Antonio Coutinho Jorge e Natália Pereira Travassos lançado em 2021 pela editora Zahar. Com rigor, os autores sublinham a importância dessa obra para no que concerne à compreensão da histeria na atualidade, histeria esta que sempre empenhará em buscar uma resposta para verdade sobre o sexo, que sempre será pautada no discurso do mestre.

Assim, fechamos mais essa edição de Psicanálise e Barroco em revista, convidando nossos leitores a continuar a nos acompanhar nesse ato de resistência que é produzir cultura nesse país, num momento no qual, estarecidos, vemos a desmontagem de pilares culturais fundamentais, em várias áreas. Esperamos que os artigos por nós selecionados lhes tragam um alento, e inspiração, para atrevoarmos esses tempos tão difíceis.

RECEBIDO EM 10/06/2021

APROVADO EM 15/06/2021

© 2020 Psicanálise & Barroco em revista

<http://www.seer.unirio.br/index.php/psicanalise-barroco/index>

revista@psicanaliseebarroco.pro.br

Departamento de Fundamentos da Educação – UNIRIO/DFE